# BRTRANS: análises sobre gênero, abjeção e performatividade

Andressa Carvalho Castelli[1]
Benedito Medrado[2]

**Resumo**

Baseado nas compreensões de Georges Bataille, Julia Kristeva e Judith Butler, a respeito da abjeção, esse trabalho, de natureza qualitativa e abordagem exploratória, investiga o conceito de abjeção, através da análise da gravação da performance proposta no espetáculo teatral BRTRANS, produzida pelo coletivo As Travestidas. Essa análise foi construída a partir da técnica de blocos narrativos de Carlos Passarelli e de linhas narrativas de Mary Jane Spink. O espetáculo torna inteligível algo da ordem do real, do excluído, ao encenar o abjeto a partir de jogos entre referências artísticas clássicas e contemporâneas, bagunça o jogo performativo em seu ordenamento e temporalidade, permitindo que o abjeto desponte em sua face mais sublime.
**Palavras-chave:** Abjeção, estética, performatividade.

## Performatividades, performances e abjeção em cena

Essa pesquisa é o resultado de um trabalho de conclusão de curso desenvolvido no contexto do Núcleo Feminista de Pesquisas sobre Gênero e Masculinidades – GEMA UFPE, cujo objetivo geral foi investigar o conceito de abjeção, tendo como objeto de análise a gravação do espetáculo teatral BRTRANS, produzido pelo coletivo As Travestidas.

A pesquisa situa-se no campo de produções sobre os estudos de gênero, nos contornos do debate pós-identitário, em que convergem teorias de diferentes abordagens que endossam a ideia geral de que, na contemporaneidade, a identidade já não mais poderia ser compreendida em termos um constructo indissociável, linear e coerente. O espetáculo BRTRANS põe em cena as identidades em suas complexidades através de um monólogo que congrega referências artísticas clássicas e contemporâneas. Nesse espetáculo, em que há o encontro de vozes que apontam em direções múltiplas e até mesmo antagônicas, entende-se que a própria possibilidade de existência não prescinde da ideia de um ser cindido, à procura incessante de algo que lhe falta; de um ser que é voz unívoca, de um som que é eco de outros sons

[1] Bacharel em Psicologia pela UFPE, mestranda na USP, andressacastelli@usp.br
[2] Pós Doutor em Psicologia, UFPE, beneditomedrado@gmail.com

polifônicos e inomináveis. Haveria, assim, uma impossibilidade de objetivação ou redução da complexidade e amplitude de um ser ruído a uma única categoria analítica ou identidade. E se os signos apontam em várias direções,ou mesmo despontam sem precisão, cabe então percebê-los em seus efeitos, em seus súbitos e sutilezas.

**Metodologia**

A metodologia utilizada para a análise do documentário baseia-se numa concepção de linguagem compreendida como práticas discursivas. Ou seja, compreendidas como linguagem em ação: "as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. As práticas discursivas têm como elementos constitutivos: a dinâmica, ou seja, os enunciados orientados por vozes; as formas, que são os speech genres; e os conteúdos, que são os repertórios interpretativos" (SPINK; MEDRADO, 2004, p.26)

Coerente com essa proposta de linguagem, uma das técnicas de análise empreendida foi a de "blocos narrativos" na qual, segundo Carlos Passarelli (2004), o filme é dividido em sequencias, isto é, "uma série de planos ligados por uma unidade narrativa, portanto comparável, em sua natureza, à cena no teatro ou ao quadro no cinema dos primeiros tempos" (p.28).

Reciprocamente, a cada bloco narrativo estabelecido, buscou-se encontrar uma "linha narrativa", que de acordo com a proposta de Spink e Lima (2004), "constitui, sem dúvida, uma imposição de linearidade, visto que busca situar cronologicamente (numa linha horizontal) os eventos marcadores da história contada. Como nem sempre as histórias são contadas de forma linear, as linhas narrativas constituem esforços de compreensão pautados numa perspectiva temporal que nem sempre faz justiça à construção argumentativa. Decorre daí a necessidade e a riqueza do uso de múltiplas técnicas de análise que se interpenetram e se complementam." (p. 94)

**O semiótico e o simbólico**

A proposta do conceito de intertextualidade de Júlia Kristeva parece muito cara à análise da polifonia presente em BRTRANS. Apesar do espetáculo ser apresentado como um monólogo, não se pode dizer que essa obra se classifique enquanto monológica. Ao contrário, BRTRANS faz dialogar referências shakespereanas clássicas, com fragmentos de textos e músicas contemporâneas.

Num primeiro momento, a teoria da Intertextualidade kristeviana, como defende Luciano Corrales (2010), inscreveu-se no seio de suas concepções acerca da Semanálise, em que a mesma procurava entender as formas de estruturação do sistema semiótico, objetivando investigar os fundamentos dos modos de significação. Sendo assim, a noção de intertextualidade desenvolvida pela autora entendia que um texto era constituído necessariamente a partir do atravessamento de outros textos.

Na miragem de outras linguagens poéticas, o conceito de Intertextualidade passa a ser repensado por Kristeva, segundo Bernard Cerquiglini (1976), dando assim um novo objetivo às análises semióticas. Se antes, havia uma preocupação com as formas de estruturação do sistema semiótico e os respectivos modos de significação (com ênfase na importância do signo), agora as atenções estariam voltadas a significância produzida no e pelo discurso.

De acordo com Cerquiglini (1976), o ponto de inflexão que promoveu essa revisão das preocupações e objetivos da semiótica kristeviana – acarretando posteriormente na atualização do conceito de intertextualidade a uma nova noção, a de Transposição –foi a ênfase dada à produção de um discurso por parte de um sujeito, ou seja, ao processo de enunciação. O sujeito da enunciação kristeviana recupera o sujeito trágico da psicanálise lacaniana, marcado por sua negatividade, sempre tomado em súbito por uma pulsão de morte reincidente, por um abjeto que insiste em se fazer presente à revelia da voluntariedade da consciência humana.

O que é preciso salientar, de antemão, é que para essa autora, a subjetividade e a identidade do sujeito se definem antes pelo conteúdo abjeto que o sujeito expulsa de si, do que por aquilo que agrega em termos identitários ao longo de sua vida. Isso porque, como afirma Ana Quintais (2011), essa identidade ilusória afixada será permanentemente assediada ou seduzida ao longo da existência do sujeito pela parte restante que lhe falta, justamente àquela a qual teria renunciado, vivenciando isso em termos de um retorno do real ou pulsão de morte, portadora simultânea da potência poética e do retorno ao gozo próprio o momento semiótico.

Kristeva empreende seus estudos buscando entender, assim, como esse real retorna na linguagem, isto é, quais seriam as manifestações estéticas da abjeção. Para autora o semiótico se manifesta no simbólico como um pressionamento realizado contra o ordenamento sintático, bagunçando sua lógica ao sugerir uma póetica do cadáver, um grotesco feminino, ou uma revolta íntima. Para Ivan Alpizar (2003), ainda que Kristeva tenha suas preocupações especificamente voltadas a compreensão do Semiótico, não se pode dizer que essa autora descarte a importância do entendimento das linhas de forças que regem o ordenamento

simbólico. Embora não seja seu objeto de estudo privilegiado, a autora não se furta de dizer que o simbólico possui um ordenamento marcado por sua historicidade e que as linhas de força que lhe constituem necessitam ser reconhecidas.

Dessa maneira, parece adequado convidar para essa apreciação uma perspectiva em que se possa melhor observar as vicissitudes do ordenamento das enunciações no domínio do simbólico, isto é, quais linhas de força históricas e culturais que constituem sua trama, sem perder de vista a natureza estético-política do nosso objeto de estudo. Essa parece ser a pretensão de um autor como Jacques Rancière, que permite compreender a relação íntima entre estética e política.

De acordo com a leitura de Fernanda Ximenes (2015), poder-se-ia dizer que a política, a partir da leitura de Rancière (2005), é definida como um ordenamento estético específico que lhe é inerente. Nesse sentido, antes da política ser uma instância onde se pode observar as relações de poder, ela seria sobretudo o locus de uma distribuição ou ordenamento estético intrínseco, onde se define quem pode ou não tomar parte do que é comum através de uma disputa discursiva marcada por um desentendimento. Se, por um lado, não é somente a noção de *poder* que define por si mesmo se algo é ou não político, por outro, também não é pelo fato de uma manifestação estética se propor a finalidades políticas que a obra em questão será considerada como tal. Os requisitos que fazem de uma manifestação estética algo que tenha dimensões políticas se relacionam ao modo de como a obra estudada consegue problematizar ou colocar em jogo os lugares pré-estabelecidos no ordenamento do domínio do simbólico, marcado por suas normatividades "policialescas".

Para Ranciére (2005), no âmbito da recepção estética, é somente abrindo mão da sua intencionalidade explicitamente política que a arte pode de fato produzir um efeito sob o simbólico, caso contrário, ela incorreria justamente no erro que critica, correndo o risco de produzir mais uma linha de força moralizante: aquela que deseja a emancipação pelo espectador, sem de fato faze-lo desejante. No domínio da recepção estética, a despretensão aparece como elemento fundamental para o surgimento de um espectador emancipado.Dessa maneira, também seria tarefa da análise estética, o reconhecimento da proposição dos jogos presente na obra, sendo legítimo o objetivo de refletir sob os efeitos que esses jogos provocam sob o sistema simbólico.

**Jogos performáticos de gênero e abjeção**

O conceito de abjeção volta a ganhar importância na contemporaneidade sendo resgatado na proposta de Butler. Nesse sentido, a abjeção é entendida como expressão de um

jogo de reconhecimento marcado pela dialética da performatividade e performance. Aqui, a performatividade de gênero é entendida como:

> El procedimiento mediante el cual se actualizan las reglas y se atribuye a un cuerpo un género u otro es un procedimiento obligatorio, una producción forzada, pero no es por ello completamente determinante. En tanto que el género es una atribución, se trata de una atribución que no se lleva a cabo plenamente de acuerdo con las expectativas, cuyo destinatario nunca habita del todo ese ideal al que está obligado a aproximarse" (BUTLER, 2002, p.7).

Já a performance é a possibilidade de autofiguração da norma, o que remete ao âmbito da teatralidade, referindo-se às possibilidades de resistência e criatividade em relação à norma.No jogo dinâmico do reconhecimento, a Abjeção poderia ser entendida, então, como aquilo que é contestado pelo sujeito, que interroga a norma e corporifica uma performance não normativa, fazendo do sujeito socialmente ilegível ou abjeto. Conforme propõe Tiago Duque (2008), esses corpos abjetos são corpos carregados de estigma por não acompanharem os scripts sociais e padrões de gênero hegemônicos na sociedade.

Entretanto, o conceito de Abjeção ganha nuances diferentes nas obras de seus principais teorizadores: Georges Bataille, Júlia Kristeva e Judith Butler. De acordo com as considerações Matheus dos Santos (2013), Bataille se reservaria ao estudo da abjeção a partir de uma filosofia materialista, onde se descarta os idealismos e formalismos dos conceitos das coisas, para dar vazão a novas formas de sensibilidade e inteligibilidade capazes de reconhecer aquilo que fora desprezado pela sociedade.

Por outro lado, Kristeva investe numa tomada subjetiva do abjeto, a partir de contribuições da psicanálise lacaniana, demonstrando como o próprio processo de formação do sujeito estaria na cadência de um processo de abjeção, onde o sujeito rechaça e exclui os significantes do campo do pequeno outro. Por sua vez, a proposta butleriana do conceito de abjeção, embora apresente críticas ao subjetivismo a acepção de Kristeva sobre o abjeto, parece congregar dialeticamente as dimensões materialistas e subjetivas nas suas reflexões sobre o abjeto a medida que compreende a existência da formação de zonas de inteligibilidade onde marcadores sociais e subjetivos aparecem como relevantes na formação do processo de abjeção.

A partir dessa ampla e crítica leitura sobre jogos performáticos de gênero e abjeção, aliada às reflexões sobre intertextualidade de Kristeva e abordagem de Rancière sobre estética e política, configuramos as possibilidades de análise do nosso objeto de pesquisa.

**Resultados e Considerações**

O espetáculo analisado se desenvolve a partir de cenas que passaram a ser editadas e organizadas em seis diferentes blocos narrativos, para qual foram estabelecidas linhas narrativas específicas, assim como títulos, quais sejam: Born to die, Meninas de Ponta, To be or not To be, Shake it Out, Masculino e Feminino, Gisberta e Geni.

É interessante observar como o monólogo trazido no espetáculo congrega o diálogo de múltiplas vozes e nomes exilados, mostrando a abjeção tanto em sua face mais empírica quanto subjetiva, permitindo assim a exploração desse conceito a partir da perspectiva dos diferentes autores mencionados.

Por fim, parece importante ressaltar que esse espetáculo, que caiu nas graças do público e da crítica, torna legível algo da ordem do real, do excluído, passa a reiterar, de modo performativo, alguns elementos da literatura clássica de Shakespeare e músicas Pop contemporâneas, de fáceis inteligibilidades, para posteriormente adentrar ao campo das performances para propor o ininteligível, tornando reconhecíveis e amáveis as ditas formas abjetas e miseráveis.

**Referências**


Alpízar, I. V. (2003). La noción de intertextualidad en Kristeva y Barthes. Revista de filosofía de la Universidad de Costa Rica, 41(103), 137-146.

Butler, J. (2002). Criticamente subversiva. In: Sexualidade transgresoras. Una antología de estudios queer. Editorial Icaria, Barcelona, pp. 55-79.

Cerquiglini, B. (1976). Julia Kristeva, La révolution du langage poétique. In: Annales, Économies, Sociétés, Civilisations. 31º année, N. 3, 1976, pp. 599-603

Corrales, L. (2010). A intertextualidade e suas origens. 10ª SEMANA DE LETRAS.

Dos Santos, M. (2013). Imagem-Abjeto: Um Estudo Sobre Manifestações Estéticas da Abjeção. UFRJ.

Duque, T. (2008). Sexualidade, Gênero e Abjeção: uma reflexão sobre direitos humanos e LGBTs no Brasil contemporâneo.

Passarelli, C. (2004). Imagens em Diálogo. In: Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3. Ed. São Paulo: Cortez.

Quintais, A. (2011). Loucura, sagrado e poesia. A obra autobiográfica de Janet Frame à luz de Julia Kristeva. e-cadernos ces, (14).

Ranciére, J. (2005). A partilha do sensível: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental org; Editora 34.

Spink, M. & Lima, H. (2004). Rigor e visibilidade: A explicitação dos passos de interpretação. In: Práticas discursivas e produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. 3. Ed. São Paulo: Cortez.

Spink, M. & Medrado, B. (2004). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In M. J. P. Spink (Org.), Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas (3ª ed., pp. 41-61). São Paulo: Cortez..

Ximenes, F. (2015). “Ou vai ou Racha” e “Surto & deslumbramento”: Entre carnavais e outras f(r)icções.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catalogação na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: http://www.7seminario.furg.br/

http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV.Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira